
VIVÊNCIAS ELEGANTES:
O ABURGUESAMENTO DO UNIVERSO INFANTIL NA *REVISTA DA SEMANA* (DÉCADA DE 1930)

Douglas Josiel Voks

Mestre em História pela Universidade do Estado de Santa Catarina - UDESC.

VIVÊNCIAS ELEGANTES: O ABURGUESAMENTO DO UNIVERSO INFANTIL NA *REVISTA DA SEMANA* (DÉCADA DE 1930)**ELEGANT EXPERIENCE: THE GENTRIFICATION THE UNIVERSE CHILD IN *REVISTA DA SEMANA* (1930)**

Douglas Josiel Voks

RESUMO

Esse artigo tem por intenção analisar e problematizar as representações e os discursos acerca do processo de aburguesamento e instituição de novos valores no âmbito da família através de hábitos e estilos, que se refletiram nos cuidados com as crianças nas páginas da *Revista da Semana* na década de 1930. Através de uma análise das vestimentas infantis buscamos compreender um processo disciplinador que esquadrihava desde a infância para um modelo burguês de vivências e comportamentos. As roupas além de distinguirem o gênero e determinadas classes sociais, serviam também para recriar no universo infantil comportamentos burgueses que preparavam as crianças para adentrarem posteriormente no mundo adulto.

PALAVRAS-CHAVE: Infância, Discursos, Família.

ABSTRACT

This article is intended to analyze and problematize the representations and discourses about of process of gentrification and the imposition of new values within the family through habits and styles, which were reflected in the care of children in the pages of the *Revista da Semana* in the decade of 1930. Through an analysis of infant garments we seek to understand a disciplinary process that scrutinized since childhood to a bourgeois model of experiences and behaviors. The clothes in addition to distinguish the gender and certain social classes, serving also to recreate the infant universe bourgeois behavior that preparing children for later step into the adult world.

KEYWORDS: Childhood, Speeches, Family.

Introdução

Nas últimas décadas muitos historiadores têm privilegiado as revistas como importantes fontes históricas, isso por que nesses documentos encontramos uma gama de discursos que visam hierarquizar e classificar determinados grupos sociais. As revistas nos ajudam a compreender não apenas um determinado momento histórico, mas também o que se desejava projetar para esse período e para o futuro. Desta forma, utilizar revistas na pesquisa histórica possibilita para o historiador um conjunto de fontes diversificadas, já que nesses meios de comunicação impressos encontramos diversas representações e discursos. Para a historiadora Nucia de Oliveira (2007, p.298), as revistas, ao colocarem determinados textos e imagens em destaque, estão evidenciando alguns dos modelos da sociedade na qual estão inseridas, e também elas próprias são produto.

Dentro dessa pluralidade de possibilidades de pesquisa com revistas, optamos, em utilizar as representações acerca do processo de aburguesamento e instituição de novos valores no âmbito da família através de hábitos e estilos, que se refletem nos cuidados com as crianças nas páginas da *Revista da Semana* na década de 1930.

Ao analisarmos essas representações, nos valemos de um conceito enunciado por Roger Chartier (1990, p. 20). Para o autor, o conceito de representações sociais deve ser entendido como um “instrumento de um conhecimento mediador que faz ver um objeto ausente através da substituição por uma imagem capaz de reconstituí-lo em memória e de figurá-lo como ele é”. As representações do mundo social são sempre determinadas pelos interesses de um grupo que as forja; desta forma, a investigação sobre essas representações sociais supõe-nas como estando sempre em um campo de concorrências e de competições cujos desafios se enunciam em termos de poder e de dominação (ibidem, p. 17).

Desta forma, entender a *Revista da Semana* como enunciativa de representações sociais é compreender também que esse meio de comunicação estava produzindo e fazendo circular ideias e desejos de uma sociedade. Através da aparência, da moda e dos cuidados infantis projetava-se um modelo ideal de comportamentos para a infância e posteriormente a vida adulta, buscando em última instância uma sociedade idealizada nos moldes burgueses.

Porém, mesmo compreendendo a *Revista da Semana* como enunciadora de representações sociais, podemos tomá-la também como propagadora de discursos; por isso em nossas análises, estaremos lidando na perspectiva da análise do discurso de Foucault. Isso porque tais representações sociais são também fortes objetos para a divulgação de discursos, pois estão cheias de intencionalidades e subjetividades. Foucault afirma que, por mais que o discurso seja aparentemente inexpressivo, as interdições que o atingem revelam logo e rapidamente sua ligação com o poder. Nessa perspectiva, para o referido autor os discursos produzem práticas.

A *Revista da Semana* foi uma publicação que podemos chamar de ilustrada, isso porque em suas páginas se privilegiaram as imagens, em especial as fotografias. Esse formato de revista foi um modelo muito típico e de sucesso durante as primeiras décadas do século XX que, além de trazer iconografias, deixava de lado o formato de literatura muito comum nos periódicos de até então.

Muito se discute sobre o ano exato em que surge a revista. Alguns autores inferem em 1900, tal como Nelson W. Sodré (1999) ou 1901, como Dulcília Buitoni (1990). O fato é que o periódico surgiu em um período de emergentes transformações sociais e culturais. Isso porque, nesse início de século, vários visitantes estrangeiros comentavam as transformações espaciais e urbanas ocorridas nas principais capitais brasileiras. Para diversos autores, como Ana Beatriz Barel (2002) e Jeffrey Needell (1993), esse processo de transformações ocorrido nas primeiras décadas do século XX, que foi o auge da *Belle Époque* brasileira, não se deu de um dia para o outro. Foi um longo processo de transformações materiais e, principalmente, no modo de agir e pensar, que se iniciou desde a vinda da família real, mas que já nas primeiras décadas da República vai atingir o seu ponto máximo. A instituição da República inaugurou um período onde mais do que nunca se almejava transformar a sociedade, incorporando diversos moldes culturais e comportamentais europeus, iniciando-se um processo que Nicolau Sevcenko (1995) denominou de “aburguesamento” e que iria modificar a paisagem urbana, as relações sociais e a vida privada.

A implantação de uma nova ordem – a ordem burguesa – trouxe um intenso processo de transformações sociais, as quais iam desde novos comportamentos dentro da família, que passava a seguir os padrões da família nuclear burguesa, e novas sociabilizações

nos espaços públicos. Nesse sentido, pretendia-se acima de tudo transformar os indivíduos, para que esses fossem adequados a uma lógica comportamental que se iniciava desde a infância. Sendo que nesse período a noção burguesa colocou as crianças no centro da família, que segundo Michelle Perrot era uma posição que se constitui como objeto de todo tipo de investimento: afetivo, econômico e educativo.

Tanto a noção de família quanto a de infância passaram por grandes transformações com o arranjo burguês, essas transformações são apresentadas nas páginas da *Revista da Semana* através de vários discursos disciplinadores para a tentativa de concretização efetiva dessa nova ordem. Nas próximas páginas discutiremos como esses discursos visavam a construção de novas práticas sociais.

Um novo arranjo familiar

As sociedades estão sempre em um constante processo de transformação e adaptação, sendo que tudo que percebemos e entendemos como sociedade e elementos pertencentes a ela foram construídos historicamente até chegar ao que conhecemos hoje. Todas essas construções não se dão pelo acaso, mas, como aponta Foucault, elas são marcadas por relações de poder. A concepção tradicional de família e a sua organização como a conhecemos em nossa atualidade também passou por um longo e extenso processo de modificações, incorporando valores, funções e formas de estruturação.

No Brasil, a principal referência que temos, antes do estabelecimento da família nuclear burguesa, é da família patriarcal. No entanto, a historiografia recente busca mostrar que essa forma de organização não era única, pois a complexa forma de estruturação da sociedade brasileira dava margens para diversos arranjos familiares.

A família patriarcal se estabelece no Brasil com a vinda dos portugueses, porém se organiza de forma diferenciada dos arranjos que existiam na Europa, passando por adaptações e alterações. Nos primeiros séculos desde a colonização as famílias patriarcais adquiriam grandes quantidades de terra e de poder, exercendo atividades militares e econômicas. Funcionavam como um verdadeiro clã, no qual o poder estava nas mãos do homem, e sob o seu poder e proteção viviam sua mulher, filhos, parentes e agregados

(ARAÚJO, 2011, p. 183). Nessa organização familiar, quem não fizesse parte de algum círculo de relações praticamente não sobreviveria socialmente, sendo mal visto, renegado ou ignorado (DA MATTA, 1987, p. 125). O bem-estar social significava pertencimento a algum grupo familiar, o qual garantia para o indivíduo certo prestígio social (ALVES, 2009, p.1).

Essa forma de organização social em torno da família era caracterizada na Europa pela família extensa, que possuía algumas semelhanças com a família patriarcal.

Na família extensa, a criança era considerada uma parte do grande corpo coletivo, pertencendo à linhagem e aos pais. Essa criança era “pública”, pois por mais que seu nascimento ocorresse em um local privado, a presença de um grupo de parentes ou vizinhos tornava esse ato público (GÉLIS, 1991, p. 313). Ou seja, os indivíduos não possuíam o direito sobre o seu corpo, pois existia uma relação de dependência com a linhagem; assim, Gélis aponta que esse corpo era do indivíduo, mas também era um pouco “dos outros”, da grande família (p.312).

Nesse arranjo de família cada indivíduo era preparado para a coletividade, existindo relações com pouca intimidade, mas com o sentimento de pertencimento a uma grande família (GÉLIS, 1991, p. 315). No entanto, no final do século XIV surge uma nova relação com as crianças, não são apenas novas afetividades, mas principalmente um sentimento de cuidado em preservar as suas vidas. Esse novo sentimento com as crianças e a forma como elas passam a ser vistas dentro da família foi uma transformação cultural que ocorreu em um longo período. A transformação desse sentimento não se manifestou de maneira linear, foi ocorrendo em períodos diferentes, em determinadas sociedades.

A passagem da linhagem para a família nuclear e o estabelecimento de uma norma burguesa modificou a forma como as famílias se organizavam, ficando cada vez mais fechadas entre os pais e os filhos. No Brasil, pela nossa colonização europeia, esses arranjos também acabam sendo incorporados. Em 1808, com a vinda da Família Real, novos elementos culturais são inseridos em nossa sociedade, estabelecendo-se uma nova ordem social e política. A vinda da Corte acelerou o processo de urbanização e modernização na cidade do Rio de Janeiro, e os novos habitantes passaram a impor novas formas de sociabilizações, hábitos e costumes que passaram a ser imitados pela população local (ARAÚJO, 2011, p. 184).

Desta feita, o arranjo de família moderna que havia se estabelecido na Europa foi implantado no Brasil, mesmo sendo ainda uma sociedade predominantemente latifundiária e escravista. Esse arranjo burguês, além de reduzir o número de integrantes na família, muda também a relação entre público e privado, pois o espaço das famílias se torna cada vez mais privado, instaurando assim uma relação de intimidade (ARAÚJO, 2011, p. 185).

Essa incorporação burguesa ocorreu junto com o processo de urbanização, o qual se acentuou com a implantação da República, pois a República brasileira nasceu com um projeto político e social muito claro - transformar o País em uma nação “civilizada”. Para tanto, houve toda uma reestruturação urbanística e comportamental, as quais tentavam, antes de qualquer coisa, dar um ar europeizado em um período que Needell (1993) denominou de Belle Époque brasileira.

A capital do País, a cidade do Rio de Janeiro, foi completamente redesenhada e esquadrinhada tentando se aproximar de uma metrópole europeia. Entre as diversas medidas de Pereira Passos, o então prefeito da cidade do Rio de Janeiro, pode-se destacar a pavimentação de ruas, construção de calçadas e asfaltos, embelezamento de praças e passeios públicos, proibição da venda ambulante de alimentos, proibição da criação de porcos dentro dos limites urbanos, combate ao ato de cuspir no chão dos bondes e o descuido com a pintura das fachadas (D’INCAO, 1997, p. 226). Junto dessas transformações físicas, ocorreram também mudanças comportamentais, pois havia a pretensão de alcançar uma “civilidade” tal qual a existente na Europa; assim, houve a proibição de uma série de outros costumes que passaram a ser tidos como “bárbaros” e “incultos” (NEEDELL 1993, p. 57).

Esses novos hábitos e costumes que se pregavam, estavam inseridos dentro dessa configuração burguesa em que ser elegante e ter refinamento social era umas das principais características de tal arranjo. Com a ajuda de médicos e higienistas, buscou-se alterar costumes, valores e organização das relações de poder. A ação desses higienistas buscava modificar a conduta física, intelectual, moral e sexual dos membros da elite brasileira, e tudo isso em função do Estado (ARAÚJO, 2011, p. 185). Isso porque uma significativa mudança que ocorreu foi a intervenção do Estado dentro das famílias. Se na família patriarcal todos eram dependentes e ficavam sob o cuidado e proteção do patriarca, na família burguesa é o Estado que se tornou responsável pelos indivíduos. As crianças, por exemplo, não pertenciam

mais à família, mas sim à nação. O Estado buscava minimizar o poder do patriarca e introduzir uma norma familiar capaz de formar cidadãos individualizados, domesticados e colocados à disposição da pátria (ARAÚJO, 2011, p, 185).

Aos poucos o Estado, através dos higienistas, foi incorporando diversas ideologias dentro dessa organização burguesa. A ideologia do amor materno que passava a ser visto como algo intrínseco às mulheres, enaltecendo a mulher como mãe dedicada ao lar e aos filhos. A ideologia do amor romântico, que reunia amor, sexo e casamento, passando a ser valorizados, em consequência, a escolha do parceiro e o relacionamento afetivo entre pais e filhos (ARAÚJO, 2011, p. 185). Desta forma, a família patriarcal vai absorvendo diversos valores burgueses, mas sem alterar a relação de poder entre homens e mulheres. O homem, mesmo na família burguesa, permanecia como chefe da casa e da família, submetendo as mulheres a uma relação de submissão.

Essa relação hierárquica era defendida principalmente pelo pensamento católico, para o qual o homem deveria ser o marido, pai e provedor. A mulher, por sua vez, deveria ser mãe e esposa, cuidando do lar, da procriação e educação dos filhos (ARAÚJO, 2011, p. 185). E mesmo que desde o final do século XIX a infância no Brasil já viesse sendo pensada com um novo olhar, colocando as crianças como centro das atenções, tanto no âmbito da vida privada como na esfera pública, com as diversas preocupações em torno do cuidado e saúde infantil, os filhos deveriam ser obedientes e submissos aos pais.

Embora existisse essa submissão, fica claro que no arranjo burguês eram grandes as precauções e o cuidado com as crianças. Nesse período, podemos tomar como exemplo dessas preocupações a criação do primeiro serviço de pediatria no Rio de Janeiro em 1881, a formação do primeiro Instituto de Proteção e Assistência à Infância em 1899, os jardins de infância em São Paulo e Rio de Janeiro em 1875 e 1876 e, principalmente a divulgação da puericultura entre as várias camadas da sociedade brasileira. Essas ações, entre tantas outras, contribuíram para a construção de um “sentimento de infância”, principalmente ajudando a pensar em um projeto de regeneração nacional através de ações voltadas para esses indivíduos (HANSEN, 2007, p. 29).

Percebemos essa preocupação e cuidado através dos concursos de robustez que eram apresentados pela *Revista da Semana*. Nesse período eram frequentes tais concursos,

que buscavam eleger a criança mais bonita e saudável, mas, para além da competição, esses concursos tinham por intenção levar conhecimentos e práticas de puericultura para as mães. Em tais concursos percebemos também elementos de raça, pois as crianças vencedoras eram sempre as mais brancas e com o rosto rosadinho, simbolizando a saúde e a higiene. Para as crianças negras ou pardas não havia espaço. Fica claro, dessa forma, que o que se pretendia era uma sociedade de indivíduos brancos, pois a pobreza associada à cor de pele era vista como uma doença, uma patologia social que precisava ser combatida pelo branqueamento da sociedade.

Ser branco, saudável e ter modos refinados era essencial para esse arranjo de família que estava surgindo. Os concursos de robustez eram uma forma de difundir os ideais da família burguesa, mostrando como deveriam operar os cuidados com as crianças e quais os comportamentos que essas deveriam seguir no futuro. Desta feita, esses concursos criavam barreiras de distinção: aquelas crianças com o fenótipo desejado estavam dentro do ideal almejado, as que não se enquadravam nesse ideal eram marginalizadas. Para além dessas diferenças físicas, percebemos também a distinção através da forma de se vestir. E é através das vestimentas que se observa a principal forma de distinção ilustrada na Revista da Semana e que veremos a seguir.

Ilustrando um novo indivíduo: a infância burguesa

A imprensa periódica desde o início do século XX teve grande crescimento. Sodré (1977) afirma que nesse período ela passa a assumir o papel de formadora de opinião pública, e isso pode ser notado no forte cunho crítico sobre problemas sociais, econ micos e políticos impressos nas principais revistas ilustradas, como *Careta*, *Fon-Fon*, *Revista da Semana* e *O Malho*. Nesse sentido, os periódicos se firmavam como um espaço de debates e forma o ideológica, tendo o universo infantil e da família um grande destaque por conta das a oes de valoriza o governamental voltadas para as mulheres, já que se entendia que o cuidado com as crianças e manuten o simbólica da família era um dever das mulheres. Por isso, tanto a *Revista da Semana*, quanto outros periódicos falavam para as mulheres de poder aquisitivo

alto ou médio quando o assunto era as crianças, abordando sempre a infância em seu meio social, e poucas vezes abordando as infâncias pobres.

As ilustrações que representam as crianças e também infâncias saudáveis impressas pela *Revista da Semana* podem ser consideradas como um meio de construir e divulgar um modelo idealizado e a ser seguido, no qual encontramos crianças robustas, bonitas, alegres e brancas. Olga Brites (2000, p. 163) aponta que esses atributos são recorrentes para projetar o futuro desejado, uma família bem “estruturada” e enquadrada nos moldes burgueses.

A referida autora aponta ainda que a produção de imagens sobre as infâncias obedecia a um ritmo específico de elaboração e difusão na imprensa periódica, criando ou retomando conteúdos para a formação de uma infância desejável (2000, p.163). Na *Revista da Semana*, essa periodicidade se faz presente também, isso porque percebemos a existência de uma coluna específica para as crianças durante toda a década de 1930. Essas representações se davam por um conjunto bem variado de linguagem – textos, fotografias, ilustrações ou propagandas – possibilitando a construção social desses modelos por várias formas de leitura.



Revista da Semana - 11 de Junho de 1932 (Seção dedicada as crianças)

Na imagem acima, temos um exemplo desse espaço dedicado às crianças na *Revista da Semana*, e notamos também que as páginas seguintes são dedicadas às mulheres, ficando clara essa relação da infância e cuidados associados ao papel feminino. Nesse espaço encontramos principalmente formas e dicas de como as crianças deveriam se vestir ou os cuidados com a sua saúde, sendo muito recorrente também o aparecimento de propagandas voltadas para esse público infantil.

Junto dessa coluna encontramos diversos moldes para costura de roupas para o segmento infantil, dando o passo a passo para a confecção. Segundo Olga Brites, costurar era desaconselhável apenas em alguns momentos da gravidez, levando-se em consideração o cuidado com a saúde da mãe e da criança, sendo que a costura era uma atividade específica para as mulheres, inclusive as das camadas médias (2000, p. 176).



1. Revista da Semana – 10 de Fevereiro de 1934 (Moda Infantil para o carnaval)
2. Revista da Semana – 11 de Janeiro de 1930 ((Moda Infantil para passeios públicos)
3. Revista da Semana – 9 de Abril de 1939 (Moda Infantil para sports)

Conforme as imagens acima (figura 2 e 3), identificamos certa simplicidade em alguns momentos, mas sem nunca deixar de lado o bom gosto para as roupas definidas para cada ocasião específica de sociabilizações. Esse bom gosto, associado à ideia de roupas apropriadas para cada evento social, era definido não só a partir da visão da revista, mas era baseado no que se estava usando na sociedade e, principalmente, o que se considerava bonito e elegante nas principais cidades europeias.

Na imagem 2 as roupas são recomendadas para passeios públicos, e é possível notar também que a criança do canto esquerdo está segurando um brinquedo, isso demonstra um poder de consumo e uma infância num padrão social de privilégios. Já na imagem 3 o que temos são dicas de roupas para a prática de esportes, e essas dicas eram geralmente voltadas para as crianças do sexo feminino, o que nos mostra que, nesse período, a preocupação com as vestimentas masculinas ainda não eram tão fortes. Além disto, essa recomendação de roupas para os esportes denota também a preocupação com o cuidado do corpo e da saúde. Encontramos também as sociabilizações infantis para o carnaval (figura 1), nas quais eram indicadas algumas fantasias tidas como elegantes e apropriadas para as festas de carnaval infanto-juvenil, sendo que todas as fantasias remetiam ao próprio universo infantil, tendo toda

uma abordagem lúdica para esse momento. Desta feita, percebemos que essas crianças tinham uma identidade social específica conforme a sua classe social e sua idade.

A infância nesse período passou a ser tratada de forma específica também, pois desenvolveu uma noção de diferenciação entre crianças e adultos. Roupas e maneiras adequadas, jogos, brincadeiras e outras atividades passaram a ser elementos marcantes no universo infantil, elementos esses que demarcavam essa fase da vida (DEBERT, 2010, p. 58). Segundo Norbert Elias (1990) a modernidade teria aumentado a distância entre adultos e crianças, e isso não se deu apenas por considerarem a infância uma fase de dependência, mas também foi um processo de transformar o adulto em um ser independente, com direitos e deveres de cidadania.



1. Revista da Semana – 14 de Fevereiro de 1931 (Moda Infantil para sociabilizações)
2. Revista da Semana – 2 de Agosto de 1930 (Moda Infantil para primeira comunhão)
3. Revista da Semana – 30 de Setembro de 1933 (Moda Infantil para a praia)

Através dessas imagens que foram retiradas da coluna dedicada às crianças, percebemos que tipo de infância é construída pela *Revista da Semana*. Por meio de roupas e adereços, fica evidente que essa infância é tipicamente burguesa, na qual cada momento específico de sociabilizações requer um determinado modo de se vestir. Essas roupas refletem o universo burguês se instalando no universo das crianças. As roupas mais elegantes, como as de primeira comunhão (exemplo da imagem 2), compostos de um vestido mais longo

semelhante às roupas nupciais, terno ou fraque para os meninos, remetem o universo infantil ao mundo adulto, já que a elegância passa a ser fundamental para esses sujeitos.

Essas imagens de crianças não combinavam muito com os índices de mortalidade infantil. Não representam uma totalidade, mas sonhos e desejos de uma parcela da elite brasileira que desejava higienizar, civilizar e consolidar um modelo burguês. Essa visão de infância difundida pela *Revista da Semana*, que estava dentro de um arranjo de família burguesa, era algo que desejado para o Brasil e por isso era apresentado como um arranjo a ser seguido. No entanto, essas imagens fazem parecer que não existia um oposto, já que as infâncias pobres não eram representadas pela revista, esses problemas em torno das camadas populares pareciam ser algo muito distante e afastado do Brasil. Desta forma, a infância era pensada como uma forma de projetar um futuro desejável, que não poderia se confundir com a realidade do presente.

A família “estruturada” e, por conseguinte, uma infância saudável e burguesa deveria passar por um projeto de educação que se iniciava já na infância. Desde cedo as crianças deveriam se “encaixar nos moldes” desejados pela sociedade. As sociabilizações e práticas no universo infantil podem ser vistas como um ensaio para a verdadeira entrada em um universo burguês repleto de convenções e hábitos específicos.

Essa forma de organização social que age diretamente sobre os corpos pode ser compreendida como um poder disciplinar e um poder biopolítico. Para Foucault (2002, p.122), o poder disciplinar busca tornar os corpos dóceis, e através de mecanismos específicos como escolas e hospitais, por exemplo, exerce a dominação através dos exercícios de adestramento que impõem uma forma correta de se comportar. Junto com esse poder disciplinador nasce no corpo humano um mecanismo que o torna mais obediente. O corpo humano entra em uma maquinaria de poder que o esquadrinha, o articula e o recompõe. Uma “anatomia política”, que é também uma “mecânica de poder”, essa anatomia estabelece como se pode ter poder sobre o corpo dos outros, isso não apenas para que façam o que se quer, mas para que operem como se quer (FOUCAULT, 2002, p. 122).

Através de discursos impressos na *Revista da Semana* assim como em outros vários periódicos da época, construiu-se lentamente práticas que focavam nos corpos e na vida dos sujeitos. A família burguesa pode ser compreendida como o elemento central para a

consolidação dessas práticas, e a infância passou a ser um importante instrumento de controle social e regulação.

Conclusão

Olga Brites (1999, p. 259), em suas análises sobre as imagens da infância nas décadas de 1930 a 1950, aponta que estudar historicamente imagens da infância significa discutir concepções de tempo histórico que cada sociedade tem, e como ela pretende planejar o seu futuro. Através da análise com a *Revista da Semana* percebemos como a sociedade idealizava determinados padrões de perfeição para si mesma, enxergando na infância um futuro desejável que não estava concretizado no presente, mas que poderia concretizar-se no futuro. Nesse sentido, através das crianças podemos perceber o que a sociedade almeja, sendo a infância uma forma de representação social idealizada por essa sociedade.

Dentro dessa organização social cercada por relações de poder que vão traçando determinados comportamentos e formas de agir e se portar, a infância passou a ter grande destaque e importância, isso por que foi na infância que começou esse processo disciplinador de enquadramento do indivíduo. A infância burguesa se destacava principalmente pela forma de se vestir. Cada momento se transforma em um evento social cheio de práticas e hábitos a serem seguidos, isso demonstrava como os indivíduos desejavam diferenciar-se dos demais e impor uma forma elegante de ser. Todos esses cuidados e práticas estavam em última instância construindo sujeitos aptos para adentrar no mundo adulto com os preceitos da família burguesa.

REFERÊNCIAS BIBLIOGRÁFICAS

- ALBUQUERQUE, José A. Guilhon. Michel Foucault e a teoria do poder. *Tempo Social*, São Paulo, v. 7, p. 105-110, 1995.
- ARAÚJO, Maria Fátima. Família, modernização capitalista e democracia: retomando alguns marcos do antigo debate sobre as transformações da família no Brasil. *Tempo e Argumento*, Florianópolis, v. 3, n.1, p. 180-198, 2011.
- ARIÈS, Philippe. *História Social da Criança e da Família*. 2. ed. Rio de Janeiro: Editora Guanabara Koogan, 1981.

BAREL, Ana Beatriz. *Um romantismo a oeste: modelo francês, identidade nacional*. São Paulo: Annablume Fapesp, 2002.

BRITES, Olga. Imagens da Infância: São Paulo e Rio de Janeiro (1930/1950). *Projeto História*, São Paulo, n.19, p. 251-263, 1999.

_____. Crianças de Revistas (1930/1950). *Revista Educação e Pesquisa*, São Paulo, v.26, n.1, p. 161-176, 2000.

BUITONI, Dulcília S. *Imprensa feminina*. São Paulo: Ática, 1990.

_____. *Mulher de Papel: a representação da mulher pela imprensa feminina brasileira*. São Paulo: Summus, 2009.

DA MATTA, Roberto. A família como valor: considerações não-familiares sobre a família à brasileira. In: ALMEIDA, Ângela. (Org.). *Pensando a família no Brasil: da colônia à modernidade*. Rio de Janeiro: Espaço e Tempo, 1987.

DEBERT, Guita Grin. A dissolução da vida adulta e a juventude como valor. *Horizontes Antropológicos*, Porto Alegre, ano 16, n. 34, p.46-76, 2010.

D' INCAO, Maria Ângela. Mulher e família burguesa. In: DEL PRIORE, M. (Org.). *História das Mulheres no Brasil*. São Paulo: Contexto, 1997.

ELIAS, Norbert. *Introdução à sociologia*. Lisboa: Edições 70, 2005.

FOUCAULT, Michel. *Vigiar e punir: história da violência nas prisões*. Petrópolis: Vozes, 2002.

_____. *Microfísica do Poder*. Rio de Janeiro: Graal, 1999.

FREYRE, Gilberto. *Sobrados e Mucambos: decadência do patriarcado rural e desenvolvimento do urbano*. 1.º tomo 7. Rio de Janeiro: José Olympio, Instituto Nacional do Livro, 1985.

GÉLIS, Jacques. A individualização da criança. In: CHARTIER, R. (Org.). *História da Vida Privada: da renascença ao século das Luzes*. São Paulo: Companhia das Letras, 1991.

HANSEN, Patrícia Santos. *Brasil, um país novo: literatura cívico-pedagógica e a construção de um ideal de infância brasileira na Primeira República*. 2007. 253 f. Tese (Doutorado) – Faculdade de Filosofia, Letras e Ciências Humanas, Universidade de São Paulo. São Paulo, 2007.

MISKOLCI, Richard. Do desvio às diferenças. *Revista Teoria e Pesquisa*, São Paulo, v.1, n.47, p.9-41, 2005.

NEDELL, Jeffrey D. *Belle Époque tropical: sociedade e cultura de elite no Rio de Janeiro na virada do século*. São Paulo: Companhia das Letras, 1993.

PERROT, Michelle. Figuras e papeis. In: _____ (Org.). *História da vida privada: da Revolução Francesa à Primeira Guerra*. São Paulo: Companhia das Letras, 1999.

SAMARA, Eni de Mesquita. O Que Mudou na Família Brasileira da colônia à atualidade. *Psicologia USP*, São Paulo, v.13, n.2, p. 27-48, 2002.

SODRÉ, N. W. *História da imprensa no Brasil*. Rio de Janeiro: Mauad, 1999.

WADSWORTH, James E. Moncorvo Filho e o problema da infância: modelos institucionais e ideológicos da assistência à infância no Brasil. *Revista Brasileira de História*, São Paulo, v. 19, n. 37, 1999.

Artigo recebido em março de 2014. Aprovado em junho de 2014.